

INSCREVER PARA EXISTIR: A FAMÍLIA ROJAS E O LIVRO QUE INVENTARIA O QUADRO ANTIGO DO CEMITÉRIO ECUMÊNICO SÃO FRANCISCO DE PAULA

Bruna Frio Costa¹
Carla Rodrigues Gastaud²

Resumo:

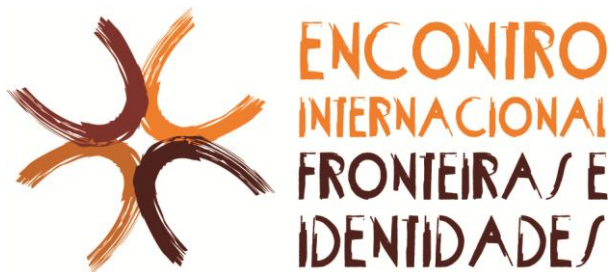
O objetivo principal deste trabalho é mostrar o quanto podemos descobrir sobre uma família através das escritas ordinárias, tendo como objeto o livro manuscrito que inventaria o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, em Pelotas (RS), e a Família Rojas. Os irmãos Rui e Ricardo Rojas representam a terceira geração de uma família de coveiros de cemitério. Com o falecimento de seu pai, Elias Rojas, Rui, o filho mais velho tornou-se seu sucessor. Entre 1972 e 1975, tempo relativamente curto, exerceu as funções de capataz. No entanto, aqueles três anos foram tempo o suficiente para que fizesse uma contribuição importante para o Quadro Antigo: um inventário. A preocupação de Rui em preservar estes dados em um livro faz-nos pensar na afirmação de Artières (1998) de que nada deve ser deixado ao acaso e que devemos manter arquivos para recordar e, sobretudo, para existir no cotidiano. A metodologia escolhida para que o objetivo deste trabalho fosse alcançado foi a análise documental, pois, o estudo se baseia em documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico. “Para existir, é preciso inscrever-se” (ARTIÈRES, 1998, p. 05) e, propositalmente ou não, foi o que Rui fez. O livro, certamente, não nos fornece detalhes da vida pessoal de seu autor, todavia é intenso naquilo que manifesta: a vontade de organizar um local extremamente importante para a família e parte significativa de suas vidas.

Introdução

O objetivo principal deste artigo é mostrar o quanto podemos descobrir sobre alguém através de suas escritas ordinárias, tendo como objeto o livro manuscrito que inventaria o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, em Pelotas (RS), e seu criador, Rui Rojas. Entende-se por escritas ordinárias aquelas produzidas, segundo Fabre (2003) para deixar os traços do vivido, ou seja, sem comprometimento com atividades formais e prestigiadas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Bacharel em Turismo, Especialista em Gestão de Eventos e Hotelaria. Bolsista Fapergs. bruna.frio@gmail.com

² Professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação, Mestre em História, Bacharel em História. rgastaud@gmail.com.



De acordo com Chartier (2007) muitos são os suportes nos quais a memória dos homens e do tempo pode ser inscrita: pedra, madeira, tecido, pergaminho e papel. Seja em uma biblioteca, em um livro, ou até mesmo, em objetos mais simples, a missão da escrita é conjurar contra a fatalidade da perda. Porém, permanecer não é uma tarefa fácil, escritas podem ser apagadas, manuscritos, perdidos e livros estão ameaçados de destruição.

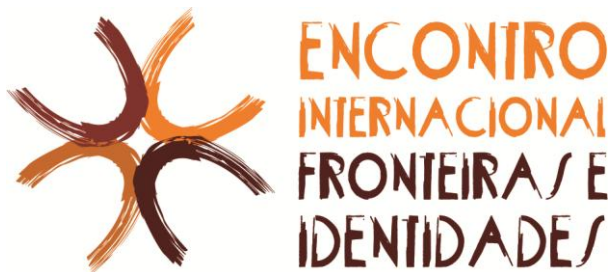
Ao escrever sobre este manuscrito, dá-se importância para a preservação de documentos banais, de acordo com Mignot e Cunha (2006) dota-se de outros significados os papéis escritos. Portanto, ao utilizar o manuscrito como fonte para esta pesquisa, dá-se valor às escritas ordinárias – ou seja, de pessoas comuns - contribuindo para que a noção de documento histórico seja ampliada e, assim, favorecendo que este tipo de escrita seja salvaguardado e conservado.

E acrescenta-se que “ao iluminar estes papéis ordinários pode-se pensar na importância de uma “memória de papel” para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades” (MIGNOT & CUNHA, 2006, p. 42).

Portanto, este manuscrito, escrito e guardado por “homens comuns” permite-nos diferentes leituras. Como sugere Mignot (2003), trata-se de fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma época. Ao folheá-los, damos valor à escrita ordinária de quem utilizou suas folhas, linhas e margens. São folhas de papel – suporte frágil e com grande possibilidade de perda no decorrer do tempo – que suscitam uma investigação sobre a escrita e despertam relações entre memória, escrita, cotidianos, cultura escrita e arquivamento. Ou seja, o documento reflete o desejo de fixar a memória, a trajetória social, garantindo a lembrança.

Duas metodologias foram escolhidas para que o objetivo principal deste trabalho fosse alcançado: pesquisa documental e história oral. Pesquisa documental, pois, o estudo se baseia em documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. E história oral, pois, segundo Delgado (2010), história oral e pesquisa documental caminham juntas e se auxiliam de forma mútua. Com este norte, Ricardo Rojas, ex-capataz e ex-morador do Quadro Antigo, sucessor de Rui, foi entrevistado.

O quadro antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula e a Família Rojas



Ao afirmarmos que “pessoas e lugares são entrelaçados, pois o espaço, como lugar de coisa (ou das coisas), torna-se um sistema coletivo de imagens onde cada lugar possui uma história a ser contada” (Rezende, 2010, p. 102), entendemos a importância de contar um pouco mais sobre a família que teve quase 100 anos de sua história vivida no Quadro Antigo.

O Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula localiza-se à Avenida Duque de Caxias, bairro Fragata, na cidade de Pelotas. A área que corresponde ao Quadro Antigo, pano de fundo desta pesquisa, é onde o atual cemitério teve origem. Sua construção data 02 de março de 1858, e deu-se em consequência da epidemia de cólera, que lotou o Cemitério do Passeio³ (que não existe mais), além de questões de higiene e planejamento urbano. É importante salientar que também os corpos enterrados no Cemitério do Passeio foram transladados para o novo Cemitério da cidade.

A relação da Família Rojas com Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula iniciou-se em 1914, quando o jovem Elias Rojas, com 14 anos, foi “dado”⁴ para a família do capataz do cemitério daquela época, um senhor chamado Antônio. O Quadro Antigo foi o local onde Elias cresceu, trabalhou, constituiu família e faleceu, no ano de 1972.

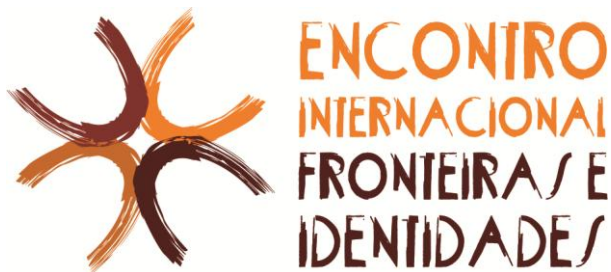
Do casamento de Elias Rojas com Assunta, nasceram 18 filhos, dos quais 12 sobreviveram e cresceram também naquele local, onde ajudavam o pai nos afazeres do cemitério, como lavar sepulturas, abrir covas, fechar túmulos. Entre estes doze estavam Ricardo e Rui Rojas, personagens centrais desta pesquisa.

Uma história do manuscrito

Com o falecimento do senhor Elias Rojas, Rui, o filho mais velho, tornou-se seu sucessor. Entre 1972 e 1975, tempo relativamente curto, exerceu as funções de capataz. Porém, aqueles três anos foram tempo o suficiente para fazer uma contribuição importante para o Quadro Antigo: um inventário.

³ O Cemitério do Passeio tinha “frente a leste pela rua Andrade Neves, fundos a oeste até a rua General Osório, face ao sul pela Bento Gonçalves e para norte ao campo aberto que havia aí, onde faziam os sepultamentos. os cadáveres, depois da encomendação, eram da Matriz até ali, levados à mão” (MAGALHÃES, 1997, p. 130).

⁴ De acordo com o senhor Ricardo, seu pai, Elias foi recebido pela família do capataz por ser considerado por eles um garoto “robusto” e com disposição para o trabalho. Conta ainda que como não tinham outros filhos, viram em Elias a possibilidade de continuidade daquela função. O senhor Ricardo afirma que não sabe o sobrenome da família, mas chamava a esposa de Antônio de “Vó Tereza”.



De acordo com Ricardo Rojas, em entrevista concedida em 10 de junho de 2013, durante aqueles três anos como capataz (1972-1975), em seus intervalos de trabalho, Rui pegava folhas de papel almaço e escrevia sobre o local. Nessas escritas definiu que cada espaço do Quadro seria numerado – tendo no livro o Quadro inteiro separado em quatro quadros – e estes, divididos em fileiras (o que, de acordo com o senhor Ricardo, foi feito por aproximação, já que alguns dos túmulos/mausoléus/capelas não formam filas retas).

Um dia eu dei falta do Rui e ele andava com um papel de folha de almaço, aquela, grande assim. E eu digo “o que tu tá fazendo, Rui?” E ele disse “Eu tô fazendo um mapa aqui desses túmulos para nós”. E ele disse “Vou botar esse o quadro número 1, aquele da cigana o número 2, viu? O do Caringi número 3 e esse último aqui número 4.”⁵⁶

Já na descrição do livro, tal informação será corrigida – o túmulo da Cigana Terena está localizado no Quadro número 3 e o túmulo do escultor Antônio Caringi está no Quadro número 4. Porém, o “erro” do senhor Ricardo não é incomum, afinal, segundo Halbachs (2004), a memória está sujeita a erros de transmissão, mal-entendidos e distorções conscientes em torno do passado.

Quando questionado sobre porque estava fazendo aquilo, Rui alegou que tal documento serviria simplesmente para auxiliá-los na localização dos túmulos durante o trabalho. Ricardo conta que Rui acreditava que eles “não teriam uma cabeça tão boa para guardar a localização de todos os túmulos, como fazia o pai”. Se considerarmos o pensamento dos filhos, Elias, o pai, poderia ter, sobre a localização dos túmulos, o que chamamos de memória-hábito “a qual adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana” (BOSI, 1994, p. 49), afinal, passou toda sua vida naquele local.

Após “finalizar” o inventário, Rui Rojas ficou doente. Pediu, então, para que seu irmão, Ricardo, conferisse suas anotações. Este o fez. Porém para “melhorar” a apresentação, passou a limpo o conteúdo em um caderno comum (já descartado).

⁵ ROJAS, Ricardo. Entrevista. [jun. 2013].

⁶ As falas do entrevistado serão sempre apresentadas com esta formatação para diferenciá-las das citações destacadas



Ai [o Rui] fez. Mas fez só os rascunhos, ai o coitado, adoeceu e não fez mais. Daí o Rui disse “Ricardo, agora tu confere” e estava tudo certinho. Um túmulo por um. E ele levou muito tempo, porque ele fazia nas horas vagas, não é? Se não tinha serviço ele fazia nas horas vagas.

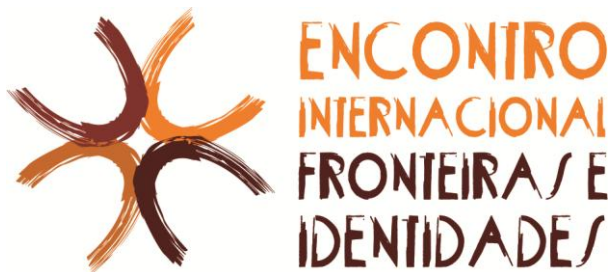
Rui, porém, relata Ricardo, achou que o caderno comum não era adequado, seria melhor comprar um livro mais apresentável e pedir para que “Pipa” (apelido de Luís Carlos), outro trabalhador do cemitério “que tinha a letra bonita” passasse a limpo com letra de imprensa.

Pois é, meu mano que resolveu tudo, tudo. Eu só tive o trabalho de, com o Luiz Carlos, que era o Pipa, de passar para este livro. Aquelas folhas de papel que ele me deu eu fiz num caderno e depois ele mesmo comprou este livro, o Rui, pro Pipa passar tudo pra aqui.

Esta preocupação de Rui em preservar seus escritos em um livro faz-nos pensar na afirmação de Artières (1998) de que devemos manter arquivos para recordar, para preparar o futuro, e, sobretudo, para existir no cotidiano. Ou seja, para este autor “para existir, é preciso inscrever-se” (ARTIÈRES, 1998, p. 05). E, propositalmente ou não, foi o que Rui fez. Em função de já ter falecido, temos conhecimento da existência de Rui pelo fato do senhor Ricardo afirmar que foi ele quem escreveu a primeira versão do livro. Rui morreu com pouco mais de quarenta anos (1977) e não teve filhos, apesar de ter sido casado. No pensamento de Foucault (2003), ele teve uma vida breve – encontrada somente por acaso em livros e documentos.

Em 25 de janeiro de 1979, dois anos após o falecimento de Rui, Pipa entregou ao Sr. Ricardo a versão finalizada do livro. Cabe aqui afirmar que por ser uma terceira versão, sabemos que seu formato original não foi preservado, o que nos leva a crer que parte de suas características originais tenham sido perdidas e que o documento pode ter recebido, ao menos outras duas vezes, novas organizações.

Em maio de 2009, 30 anos depois da entrega da versão final do livro, ele iria além dos portões do Cemitério. Durante o primeiro encontro com o senhor Ricardo, em maio de 2009, o livro “surgiu” da primeira gaveta da direita de uma escrivaninha em sua sala, localizada na entrada do Quadro Antigo. Mesmo quando questionado, o entrevistado não deu nenhuma informação – tanto na conversa de 2009, quanto na entrevista de 2013 -, sobre o uso do livro. Não é possível saber se ele era utilizado diariamente para consultas ou se foi guardado apenas



como lembrança de seu irmão. No entanto, através da entrevista em história oral, podemos compreender que, apesar do livro ter sido elaborado para ajudá-los – ele e Rui – a “não esquecer” o local de cada túmulo, aquele documento não era manuseado diariamente. Os anos de trabalho tornaram o senhor Ricardo em exímio conhecedor do Quadro Antigo e sua preocupação, com a proximidade de sua aposentadoria, era com o futuro daquele local.

Durante a primeira entrevista⁷ ele afirmou, enquanto folheava o livro, que o deixaria para o Cemitério quando se aposentasse, para ajudá-los na localização dos túmulos do Quadro Antigo. Tal “doação”, tanto para a administradora, quanto para a mantenedora, a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, poderia ser de grande valia para seus acervos documentais, se consideramos que o livro contém “fragmentos de uma realidade da qual fazem parte” (FOUCAULT, 2003, p. 207). Porém, isto nunca aconteceu.


Alguns detalhes do manuscrito

O documento é um livro de atas, de capa dura na cor preta – já bastante mofada, de abertura vertical, com folhas pautadas e numeradas na parte superior à direita, com 22 cm x 30 cm.

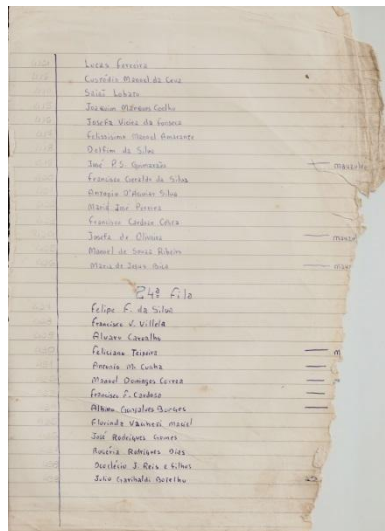
De acordo com Berwanger (2008), o estado do documento é um aspecto extremamente importante. O documento pode ser considerado incompleto, por estar rasgado, queimado ou com folhas perdidas, o que limita os recursos para leitura. No caso deste livro, a primeira página preenchida é a de número 01 e a última é a de número 53. Destas, nenhuma foi arrancada, porém, a página 16 está bastante danificada, com perda de informação (**FIGURA 1**). É possível que o tempo – aparentemente longo – em que o documento esteve guardado dentro de uma gaveta, tenha sido responsável pelo seu delicado estado de conservação.

FIGURA 1 – Página 16 do livro

⁷ Realizada em 15 de maio de 2009, no Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES



Fotografia da autora

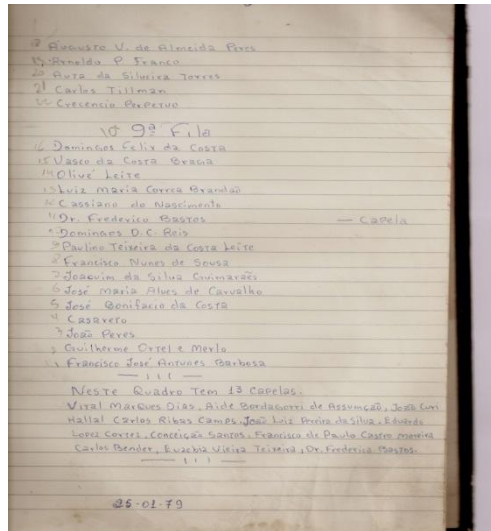
Todas as páginas foram escritas com caneta esferográfica na cor azul, exceto as páginas dezoito e trinta, que foram escritas com caneta hidrográfica na cor preta. É possível perceber que houve a intenção de destacar o início de cada Quadro, porém, por não haver um padrão nesta ação, ela acabou descaracterizada e dando a impressão de falta de cuidado com o registro.

A única data que consta no livro é 25 de janeiro de 1979 (**FIGURA 2**). Esta seria a data em que, segundo o senhor Ricardo, Pipa entregou a ele a versão finalizada. O que nos leva a concluir que todo processo – dos rascunhos de Rui, correções do senhor Ricardo, à segunda versão no caderno, e à versão final – durou aproximadamente sete anos, se considerarmos que Rui iniciou sua escrita em 1972. Tal informação é corroborada pelas palavras do próprio senhor Ricardo, já destacadas anteriormente, de que o irmão teria levado três anos escrevendo.

FIGURA 2 – Última página do livro



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES



Apesar de um número significativo de personagens da história da cidade de Pelotas estar enterrado no Quadro Antigo, o único túmulo com observações – excetuando-se os destacados como mausoléu ou capela – é o da Cigana Terena, no Quadro número 3. A relevância desta identificação pode ser encontrada nas palavras do senhor Ricardo:

Aquele jazigo da cigana já foi mudado umas dez vezes. Todo mundo faz promessa pra cigana, não é? Ai cada um que quer pagar uma promessa bota um azulejo diferente, manda desmanchar, bota uma cobertura toda nova... aquilo já foi feito umas quantas vezes. Mas tu sabe, o túmulo original da cigana era muito bonito, o primeiro. Era todo de mármore de carrara⁸.

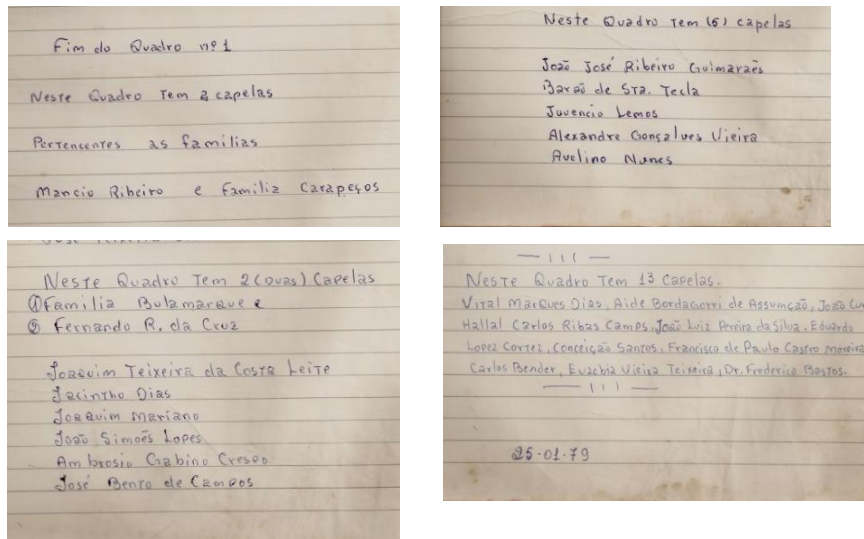
Ao final de cada Quadro há a especificação da quantidade de capelas existentes em cada um e a que famílias pertencem (**FIGURA 3**). Pode-se perceber que a quantidade é bastante diversificada tendo apenas duas capelas no Quadro número 1, cinco capelas no Quadro número 2, duas capelas no Quadro número 3 e treze capelas no Quadro número 4. Acredita-se que tal destaque foi dado devido à imponência das Capelas diante dos outros túmulos existentes nos Quadros. Fato curioso já que os mausoléus, apesar de bem mais numerosos⁹, - são apontados cento e cinquenta e quatro mausoléus em todo o livro, sendo que, setenta e três estão no Quadro número 1, vinte e quatro no Quadro número 2, cinquenta e um no Quadro número 3 e seis no Quadro número 4 – não mereceram tal distinção.

⁸ Famoso desde a Roma Antiga, utilizado para construir o Panteão e esculpir muitas esculturas do Renascimento (CARRILHO LOPES, 1998).

⁹ O livro não soma os mausoléus, a contagem foi feita pela autora.



FIGURA 3 – Páginas 17, 29, 45 e 53



Fotografia da autora

Apesar de ser considerada uma versão “final”, existem apontamentos feitos a lápis, como, por exemplo, a inclusão de nomes ao lado de alguns já existentes, o que leva a crer que novos sepultamentos foram feitos no Quadro Antigo após a “conclusão” do livro em 1979 – que coincide com a construção do Cemitério Ecumênico, onde os enterramentos passaram a ser feitos daquele ano.

Considerações Finais

Uma das questões mais interessante das escritas ordinárias é que, por não terem sido feitas – *a priori* – para vir a público, quando estas são analisadas, podem apresentar significados bastante inesperados. O livro do Cemitério feito pelos Rojas, por exemplo, afirma a existência de Rui Rojas, o papel dos homens da família Rojas no Quadro Antigo e corrobora a dedicação que tiveram com aquele lugar, sendo que, inicialmente, pensava-se tratar apenas de um inventário.

Acredita-se que Rui Rojas teria sido, nos moldes conceituais de Barthes (2007), um escrevente, ou seja, aquele que utiliza a linguagem escrita como um meio para atingir um fim,



seja ensinar, explicar e, neste caso, testemunhar. Sendo assim, o livro poderia ser considerado suporte da lembrança de um tempo. E, como afirma Reis (2012):

um lembrete necessário à rememoração frente ao tempo que se esvai e a partir do qual se aprisionam os acontecimentos? Um arquivo de papel, em letras e números, por fazer dos fatos e eventos contados acontecimentos memoráveis, ou melhor, inolvidáveis? Sim, ele seria. Falamos aqui da concepção do manuscrito, ou seja, da suposta existência de um projeto evocativo que amarra à superfície do tempo de maneira permanente, mediante seu arquivo em linguagem escrita [...] em um lugar em que estariam a salvo do esquecimento.

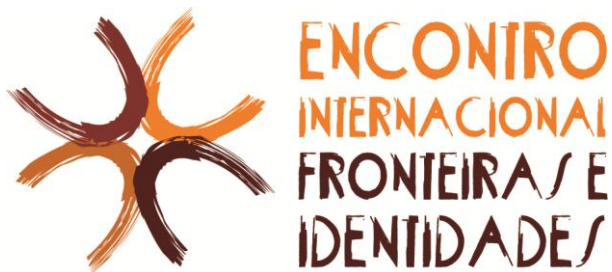
Ao analisar o livro é preciso entendê-lo, como diria Ranun (1991), para além dos códigos e das palavras. Faz-se necessária, segundo Barthes (2007, p. 09) a “dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo”.

O livro pode ser considerado um “mapa cifrado”, visto que, quem nunca esteve no Quadro Antigo seria incapaz de compreendê-lo e, até mesmo quem já o fez, não capta facilmente sua lógica apenas em folheá-lo. Percebe-se que – intencionalmente ou não – Rui criou uma forma de escrever em código, o qual apenas ele mesmo seria capaz de interpretar e, *a posteriori*, seu irmão, Ricardo.

Outra evidência deste “ciframento” está na fala do senhor Ricardo, quando afirma que ele teria interesse que a mantenedora do Quadro Antigo, a Santa Casa de Misericórdia, fizesse um mapa do Quadro Antigo a partir do livro. Porém, há uma ambiguidade nesta declaração. Primeiro, pelo fato de, segundo o próprio, a mantenedora desconhecer a existência do manuscrito. E segundo, por afirmar que mesmo que o mapeamento fosse realizado, o mapa não seria útil sem a sua presença, pois,

para saber onde se deve ir, saber onde cada túmulo está. Para interpretar o mapa precisa-se do seu Ricardo!

Analisando os escritos, percebemos que a numeração dos quadros não foi feita em sentido horário ou anti-horário (tanto se for utilizada a entrada principal ou a entrada lateral). A partir da leitura, identifica-se que o Quadro número 1 e o Quadro número 3 são aqueles



próximos à entrada principal, enquanto o Quadro número 2 e o Quadro número 4 estão próximos à Capela do Senhor do Bonfim.

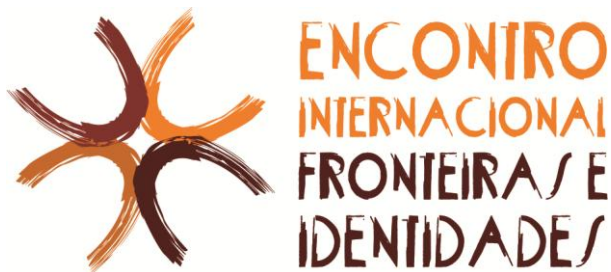
Não foram inventariados os túmulos que estão nas quatro paredes que circundam o Quadro, o que faz com que personagens importantes da história de Pelotas como, por exemplo, o Barão do Arroio Grande, não constem no livro. Tal fato leva-nos a questionar se, para o próprio Rui, estes seriam menos importantes do que os mausoléus e as capelas por seu formato mais simples. Esta resposta, no entanto, somente o autor poderia nos dar. Nem ao menos Ricardo soube explicar o porquê da não adição destes túmulos.

É importante dizer que, apesar de estar em uma gaveta, protegido pelo senhor Ricardo, o livro não estava escondido. Esta diferença deve ser acentuada porque, segundo Mignot e Cunha (2006 p. 41) “guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo”. Ao guardar, o senhor Ricardo escolhe quem tem acesso ao livro, o que nos faz perceber a carga afetiva e intimista do documento, que pode guardar antigos projetos, expectativas, sonhos e até mesmo, segredos dele e de seu irmão.

Portanto, esse livro pode ser considerado um objeto biográfico, que são aqueles objetos que envelhecem com seu possuidor e se incorporam a sua vida, além de representar uma experiência vivida. “Só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível. O que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade” (BOSI, 1994, p. 441). Além de, como afirma Mignot (2005), cumprirem a função social de edificadores da memória pessoal ou familiar.

O livro, certamente, não nos fornece detalhes importantes da vida pessoal de seu autor, todavia é intenso naquilo que manifesta: a vontade de organizar um local extremamente importante para ele, parte significativa de sua vida. Salienta-se que, de acordo com Ricardo, Rui foi o único dos filhos que frequentou a escola particular – seus pais pagavam pela educação do irmão no Colégio Gonzaga, pois o consideravam muito inteligente – o que leva a pensar se ele não teria uma visão diferente do valor e da utilidade do escrito e, por estas razões, resolveu escrever o livro.

Em suas páginas, ele não nos apresenta um inventário com a caracterização detalhada de cada túmulo presente no Quadro Antigo. Ele vai muito além. O relato do senhor Ricardo e o folhear das páginas indicam uma memória da família Rojas, grande parte da história do



Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula e, quiçá, um pouco da história da cidade de Pelotas.

Referências Bibliográficas

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida In: **Arquivos pessoais** – Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, vol 11, nº 21, 1998.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BERWANGER, Ana Regina. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008. BOSI, 1994, p. 441)

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. CANDAU (2012)

CARRILHO LOPES, J. Caracterização petrográfica dos monumentos romanos de Évora. **Relatório de progresso interno**. Câmara Municipal de Évora, 1998.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral** – Memória, Tempo, Identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, M. (2003) A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Mundial, 1993.

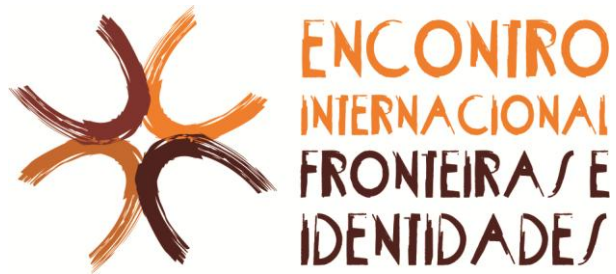
MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Vitrine de Guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar. **Revista Resgate**, nº 14, p. 35-46, 2005.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio & CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abril, 2006.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

REIS, Danieli da Silva Borges. **Práticas de escrita e de arquivamento: uma busca de sentido por meio das formas de inscrição no Memorial de Lembrança de Anna Joaquina**



(Cidade de Goiás, 1881-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, 2012.

REZENDE, Maiquel G. Silêncio e esquecimento: Henrique Carlos de Moraes e a construção de um agente de preservação do patrimônio em Pelotas (1993 - 1986). Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, 2010.